

ORIENTE MÉDIO

À espera de ajuda e respostas

Moradores de áreas atingidas pelo terremoto enfrentam episódios de insegurança, dificuldade para a chegada de comida e remédios e a expectativa de resgate de sobreviventes. Denúncias de descaso nas construções de prédios também preocupam

A comoção inicial diante do terremoto que deixou ao menos 28 mil mortos na Turquia e na Síria vai dando lugar à raiva e à revolta entre os moradores das regiões atingidas. Os turcos queixam-se das respostas do governo para questões de segurança e suporte, além da má qualidade das construções. Na Síria, as dificuldades para a chegada da ajuda humanitária elevam a preocupação quanto à disseminação da doença — o país enfrenta um surto da doença desde o ano passado.

Diretor-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), Tedros Adhanom Ghebreyesus chegou, ontem, à cidade síria de Aleppo, fortemente atingida pelo terremoto, para visitar hospitais e centros de acolhimento. Ele disse que viajava com "cerca de 37 toneladas de suprimentos médicos de emergência" e que, hoje, haverá outra rodada com mais de 30 toneladas de ajuda. O órgão estima que pelo menos 870 mil pessoas precisam urgentemente de alimentos. Além disso, o sismo pode afetar 23 milhões de pessoas nos dois países, sendo 5 milhões de vulneráveis.

O Programa Mundial de Alimentos da ONU pediu US\$ 77 milhões para fornecer rações de alimentos a 590 mil deslocados

na Turquia e 284 mil, na Síria. Em outra frente, o escritório de Direitos Humanos das Nações Unidas solicitou que a ajuda humanitária tenha passe livre para chegar às regiões atingidas. Ontem, pela primeira vez em 35 anos, uma passagem foi aberta na fronteira entre Turquia e Armênia com esse objetivo. Segundo a agência oficial de notícias turca Anadolu, cinco caminhões cruzaram o posto de Alicant, na província de Iğdır, rumo aos necessitados.

Em 1998, a passagem havia sido aberta para socorrer vítimas também de um terremoto. À época, um sismo abalou a capital da Armênia, Erevan, deixando entre 25 mil e 30 mil mortos. Divididos pela memória do genocídio armênio em 1915 e pelo conflito em Nagorno Karabagh, os dois países começaram a retomar os contatos em dezembro de 2021 com a nomeação de enviados especiais que discutiram, em Viena, a normalização das relações.

Prisões

Os desdobramentos do terremoto também têm demandado do governo turco responsabilidades policiais. Mesmo o país tendo uma rígida legislação para as construções, diante do cenário



Destrução na Turquia: polícia prendeu suspeitos de saques e de irregularidades na construção de edifícios

de destruição — autoridades estimam que 12.141 edifícios foram destruídos ou gravemente danificados —, surgiram dúvidas quanto ao estado dos prédios e à qualidade dos materiais

usados. "Poderíamos temer danos, mas não isso que observamos", disse, à agência France Presse de notícias (AFP), o presidente da Fundação de Terremotos da Turquia, o engenheiro

sísmico Mustafa Erdik.

Há suspeitas, por exemplo, de uso de concreto e de aço de baixa qualidade. Ontem, a polícia turca deteve 12 pessoas pelo desabamento de edifícios nas províncias

de Gaziantep e Sanliurfa. Na sexta-feira, um incorporador imobiliário foi preso no aeroporto de Istambul, quando tentava fugir do país depois do desabamento de uma das residências de luxo construídas por ele.

Saqueadores também estão sendo detidos. Aproveitando a devastação e a fuga dos moradores, grupos de pessoas têm quebrado vitrines de lojas e levado produtos. Ontem, a polícia turca prendeu 48, em oito províncias, e o presidente Recep Tayyip Erdogan prometeu que as autoridades serão mais severas com os saqueadores. Moradores de regiões atingidas reclamam da sensação de insegurança.

Diante das críticas às respostas à população, o presidente turco fez uma espécie de "mea-culpa" na sexta-feira. "Houve tantos edifícios danificados que, infelizmente, não conseguimos acelerar nossas intervenções como gostaríamos", afirmou Erdogan, durante uma visita a Adiyaman. Em visita a Diyarbakir (sudeste), o presidente lembrou que está em vigor, no país, o estado de emergência. "Isso significa que, a partir de agora, as pessoas envolvidas em saques ou sequestros devem saber que a mão firme do Estado estará sobre elas."

EM 24 HORAS

Caças dos EUA abatem mais dois "objetos"

Em um período de 24 horas, os Estados Unidos abateram dois objetos voadores não identificados. As operações se deram meses de uma semana depois de um suposto balão espião chinês ter sido derrubado na costa da Carolina do Norte, resultando em críticas quanto à forma como Joe Biden conduziu o caso. Segundo a oposição, o presidente demorou a alertar o público, enquanto

o artefato fazia sobrevoos "sem precedentes" sobre o país.

O segundo objeto foi derrubado, na sexta-feira, seguindo ordens de Biden, que agiu por "excesso de precaução". Ele era muito menor do que o balão chinês, não tripulado e sobrevoava o Alasca "a grande altitude", próximo ao Canadá. Tinha "aproximadamente, o tamanho de um carro pequeno", detalhou John Kirby,

porta-voz do Conselho de Segurança Nacional. "Não sabemos a quem pertence, se a um Estado ou a uma empresa. Não entendemos o propósito", completou.

Ontem, em uma operação conjunta com o Canadá, os Estados Unidos abateram o terceiro objeto, que "violava o espaço aéreo canadense", anunciou, pelo Twitter, o primeiro-ministro canadense, Justin

Trudeau. "Aeronaves canadenses e americanas foram embalhadas, e um F-22 dos EUA disparou com sucesso", escreveu. Trudeau disse ter conversado com Biden, durante a tarde, para definir a operação e os seus desdobramentos. As Forças Armadas canadenses vão atuar para buscar os destroços do objeto, também não tripulado, e analisá-lo.

Getty Images via AFP



John Kirby, porta-voz da Segurança: "Não sabemos a quem pertence"

Paulo Delgado



contato@paulodelgado.com.br

A ESCALADA AUTORITÁRIA EM ISRAEL

A história da origem do direito como instrumento de organização da sociedade está baseada em obras primas e supremas da literatura e da sabedoria universal. Desde o Código do Imperador Hammurabi imposto à Mesopotâmia — região que hoje corresponde a diversos países do Oriente Médio, inclusive Turquia e Síria, castigadas pelo terremoto assustador que as puniu como se vivêssemos tempos bíblicos — até a línguagem alfabetica e o Pentateuco — os cinco primeiros livros da Bíblia hebraica conhecido como Torá —, a humanidade está alicerçada em leis. E era precisamente em situações em que reinava a maior miséria e aflição que o direito tinha

seus momentos de maior revelação e conhecimento das necessidades humanas.

O desalento que se vive nesses tempos, em que a existência e o destino das sociedades correm o risco de voltar a cair na barbárie e em fanatismos, exige sempre novos Moisés. Um constante aperfeiçoamento da justiça, capaz de refundar o mundo moral e de concórdia, único onde pode haver prosperidade para todos. É certo que a essência da humanidade é a diferença e a separação, a dualidade bem e mal que habita em toda criatura, a luz e a treva, o excesso e a privação. Um ser racional de natureza indomável e misteriosa deixou que o conflito aumentasse até um limite incontrolável, nunca superado,

nem pelo castigo nem pela compreensão e pela civilidade.

Quem observa o momento político por que passa Israel percebe que Benjamin Netanyahu, seu primeiro-ministro, não está para brincadeira nem disposto a deixar a natureza e a alma humana possam se ajudar mutuamente. Não são sábios os governantes impulsionados pela ideia do "faça-se", é chegada a hora, tudo ou nada, e que se rendem a um único culto, o da arbitrariedade e da exceção. Vencendo espetacularmente as eleições que o reelegeu para seu sexto mandato, compôs um governo ultranacionalista e ortodoxo para fazer reformas que miram a independência do Judiciário, as liberdades individuais, os direitos humanos e o caráter estável das carreiras de Estado.

Quando se trata de governantes autoritários, o discurso é sempre o mesmo: a conversa fiada é restaurar o equilíbrio entre

poderes. A razão verdadeira é dar ao governante o poder de reestruturar todos os cargos e funções públicas, fixando o controle do governo sobre as decisões judiciais. Como a coalizão que sustenta Netanyahu tem maioria no Parlamento unicameral — Knesset —, a expectativa é que as reformas sejam aprovadas e a democracia israelense saia enfraquecida, levando o país a uma grave crise institucional, extensiva aos territórios ocupados, especialmente com a ampliação das colônias israelenses no enclave palestino da Cisjordânia, considerado, internacionalmente, lugar de assentamentos ilegais. Ameaças também estão a liberdade de manifestação e a restrição de direitos individuais e de grupos.

Como Israel não tem uma Constituição formal até hoje, fruto de desavenças que se prolongam desde a fundação do país, a supremacia do Legislativo ameaça os direitos individuais, já que

não há uma regra de autocontenção da maioria. Em um Sistema Judiciário em que políticos podem vetar juízes e júizes podem ser vetados por políticos, o impasse, não o consenso, é a regra. É de envergonhar Abraão que a democracia de Israel não tenha freios e contrapesos claros e definidos e pouco controle sobre o funcionamento dos três poderes. Além do mais, a Constituição incompleta criou uma espécie de arcabouço sustentado por leis ordinárias chamadas "leis básicas", sem mecanismo que garanta a estabilidade dos princípios gerais.

Netanyahu acha que, como venceu as eleições, pode concentrar o peso do poder em um único prato da balança. Para isso, quer diminuir as restrições ao poder de governar de tal forma que uma lei ordinária, de interesse do governo, possa anular uma lei maior que define um direito, tirando da Suprema Corte

o poder de intervir. Confusão que se agrava pelo arrebentamento constante que caracteriza o país onde é excessivo o contato direto entre religião e política.

As ruas de Tel Aviv estão fervilhando desde janeiro em passeatas e manifestações de milhares de israelenses, opositores e críticos do destempero do governo de pretender ampliar a escalada autoritária com reformas ultraconservadoras. Ordem e subordinação é o sonho do autoritário. Uma contradição em um país que deveria ter adquirido, pelo sofrimento, a perícia para lidar com o arbítrio.

No mais espetacular livro da sabedoria hebraica, o Eclesiastes, é possível saber da semelhança entre tudo e nada. Moderação é o melhor, porque o poder passa, a insatisfação humana é que não passa.

PAULO DELGADO, Sociólogo
contato@paulodelgado.com.br